



3300 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 15/GT 20 - Educação Especial e Psicologia da Educação

A INCLUSÃO ESCOLAR NO CONTEXTO DA SALA DE AULA DE INGLÊS: a caracterização de um processo pedagógico
Ana Luiza de França Sá - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília- IFB

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir e compreender o processo da inclusão escolar de um aluno diagnosticado com deficiência intelectual no contexto da sala de aula de inglês a partir da colaboração de duas professoras de inglês e um estudante com diagnóstico. A pesquisa de campo foi realizada com suporte da Epistemologia Qualitativa à luz da Teoria da Subjetividade, ambas de González Rey (2002, 2003, 2005, 2012, 2017). Por acreditarmos que o problema que investigamos deve considerar os aspectos subjetivos inerentes às relações sociais estabelecidas na escola. Argumenta-se ainda, que a inclusão de alunos com deficiência nas escolas comuns tem provocado desigualdade entre os sujeitos envolvidos no meio acadêmico. Em decorrência disso, este trabalho busca apresentar reflexões que incidam sobre possíveis estratégias de ensino, para que o estudante com deficiência possa apresentar prováveis melhorias em seu meio social de modo democrático.

Palavras-chave: inclusão, diagnóstico, sala de aula de inglês.

A INCLUSÃO ESCOLAR NO CONTEXTO DA SALA DE AULA DE INGLÊS: a caracterização de um processo pedagógico

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir e compreender o processo da inclusão escolar de um aluno diagnosticado com deficiência intelectual no contexto da sala de aula de inglês a partir da colaboração de duas professoras de inglês e um estudante com diagnóstico. A pesquisa de campo foi realizada com suporte da Epistemologia Qualitativa à luz da Teoria da Subjetividade, ambas de González Rey (2002, 2003, 2005, 2012, 2017). Por acreditarmos que o problema que investigamos deve considerar os aspectos subjetivos inerentes às relações sociais estabelecidas na escola. Argumenta-se ainda, que a inclusão de alunos com deficiência nas escolas comuns tem provocado desigualdade entre os sujeitos envolvidos no meio acadêmico. Em decorrência disso, este trabalho busca apresentar reflexões que incidam sobre possíveis estratégias de ensino, para que o estudante com deficiência possa apresentar prováveis melhorias em seu meio social de modo democrático.

Palavras-chave: inclusão, diagnóstico, sala de aula de inglês.

INTRODUÇÃO

Esta investigação surge do interesse em tentar compreender os diagnósticos, que identificam a criança ou jovem e os separam das demais pessoas consideradas normais. A partir dessa perspectiva, o desenvolvimento da pesquisa qualitativa foi embasado em importantes estudiosos como González Rey (2003, 2005, 2017), Mitjans Martínez (2017), Bezerra (2014a), Sá (2014) dentre outros.

O tema da inclusão tem sido um assunto discutido por muitos pesquisadores da área de educação (MANTOAN, 2003; GONZALEZ REY, 2017; MITJANS MARTÍNEZ, 2017; BEZERRA, 2017b; ORRÚ, 2017). Suas contribuições argumentam acerca da inclusão de estudantes com deficiência nas escolas regulares brasileiras. São amplas as discussões relacionadas ao tema, nesse contexto é importante perceber quais as dificuldades encontradas pelo professor quando se depara com um aluno diagnosticado com alguma deficiência, como esses estudantes podem abstrair melhor o ensino-aprendizagem, quais estratégias são possíveis para o professor, quais recursos os estudantes podem utilizar, etc.

Acresce que, no que se refere a inclusão, seria a integração na sala de aula regular uma boa solução para os alunos com deficiência? Bezerra (2017b) contribui argumentando que a inclusão desses estudantes, embora seja uma percepção democrática, ainda sim traz evidências de uma seleção que classifica e contribui para um processo de desigualdade, em outras palavras uma *exclusão por dentro* do sistema escolar. Há que se saber ainda, quais os resultados que um laudo médico pode trazer para esses estudantes além da compreensão dos possíveis embates sobre os testes que são feitos com o objetivo de identificar anormalidades.

A psicologia aborda aspectos relacionados à educação e o desenvolvimento infantil, como importante processo para se obter aprendizagem. Em suma, a psicologia entende que o sujeito está ligado a sua história, ou seja, o seu meio social vai abrindo possibilidades de investigação para o processo cognitivo, e mostrar que o homem possui diversos comportamentos para examinar seu próprio eu. Os estudos do comportamento humano surgem na década de 50 em que várias escolas nomeiam diferentes tipos de procedimentos.

De acordo com as impressões das autoras Moysés e Collares (1997), a Psicologia é a área de um conhecimento prescrito no método clínico, e com base na obra de Foucault, as autoras afirmam que o processo clínico inviabiliza questões sociais visto que o campo da saúde para esses profissionais é pouco habitado a esses estudos no que se refere a genealogia do poder. O que propicia o olhar da Psicologia sobre as pessoas, vista como doentes, enfatizando os defeitos, como por exemplo os testes de inteligência que diagnosticam o que falta à pessoa, melhor dizendo a inteligência que falta a pessoa doente. Para Foucault a corrente da Psicologia que defende o uso de testes padronizados, abstrai o sujeito, sua vida, e o vê como doente; nele busca olhar apenas a *inteligência do doente*; em um giro do olhar, em nova abstração, fixa-se na *inteligência doente do doente* e, por fim, tenta olhar a *inteligência doente genérica* ou *inteligência doente do psicólogo*.

Podemos dizer que a psicologia estuda as emoções, as experiências humanas com o mundo ao seu redor, processos de aprendizagem, intelecto e a percepção do ser humano. Segundo Katz e Kahn (1970) "uma abordagem teórica trata de relações que englobam seres humanos. Quando se está preocupado com o que é específico da função de manutenção, em termos de comportamento humano".

Conforme o exposto, a respeito dos comportamentos dos seres humanos, este trabalho tem como objeto de pesquisa a inclusão e, mais especificamente, a inclusão de um estudante diagnosticado no contexto de uma sala de aula de inglês. Para tal foi necessário lançar mão da colaboração de voluntários que participaram da pesquisa empírica que serão especificados a diante.

É importante trazer ao debate a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa que são propostas pelo autor González Rey (2012), e têm como

finalidade a impressão do sistema subjetivo, isto é, aquilo que alimenta a emocionalidade no momento histórico e no espaço que o homem se encontra. Para as autoras Paula e Palassi (2007), a subjetividade na perspectiva de González Rey, rompe com a ideia de fenômeno individual, transpondo para a ideia de que a subjetividade se produz nos níveis social e individual simultaneamente. A subjetividade está associada à forma com que as experiências e instâncias sociais atuais do sujeito ganham sentido e significação na formação subjetiva de sua história.

METODOLOGIA

A ciência é considerada ampla e qualifica alguns ramos como as ciências naturais e exatas, assim como as humanas e sociais. Quando se diz que algo é ciência entende-se, pelo senso comum, que é algo que necessariamente precisa seguir um método para se ter a certeza de um conhecimento "seguro". Diante da relevância do tema, destacamos como marco científico a Teoria da Subjetividade, bem como, a Epistemologia Qualitativa e sua contribuição para a compreensão e proposição acerca dos fenômenos humanos.

A respeito da cientificidade que é compatível e relativo a ciência, é possível destacar um outro modo de se enxergar a ciência. Thomas Kuhn já defendia uma "concepção de ciência historicamente orientada" (1978, p.15) pois, para ele, é a história que permite a identificação do que se concebe, num determinado período, por científico. Defende, ainda, que mesmo que trabalhos não sejam compatíveis com as concepções atuais de ciência, não significa que não sejam científicos. Ou seja, há estudos científicos que podem abordar um determinado momento histórico, e que não necessariamente precisa ser considerado como único e solucionador. Dessa forma, é possível abrir caminhos para outras maneiras de se pensar no estudo científico, desmistificando as crenças de que somente com dados objetivos, seguros, empíricos é possível se ter ciência. De certo que, possibilita emergir na teoria da observação trazendo outro modo de analisar um momento histórico, e ao mesmo tempo cria significações pertinentes para assim, repensar no processo da educação e avançar nas pesquisas científico acadêmicas.

Podemos pensar, portanto, que fazer ciência não é simplesmente seguir um caminho previamente estabelecido, nos moldes da história de João e Maria que deixaram um caminho de migalhas de pão para não se perderem no meio da floresta, sem prever que os passarinhos os comeriam. É ir além da "ciência normal", é refletir sobre o mundo a partir de parâmetros inesperados, desestabilizar este modo *normal* de fazer ciência e, ainda assim, estar produzindo narrativas e conhecimentos extremamente relevantes para a compreensão das coisas do mundo vivido (EWALD & MANCEBO & UZIEL & PRESTREBO, 2004, p.1).

Este trabalho consiste em analisar o processo de inclusão de um estudante com diagnóstico no contexto da sala de aula de inglês a partir da perspectiva de três colaboradores, sendo uma professora regente de classe (Priscila), outra professora em nível inicial de formação (Luiza) e um estudante com diagnóstico de deficiência intelectual⁵ do ensino médio (Jonas). Os colaboradores trabalham/estudam em uma instituição pública de ensino que integra os conhecimentos profissionais à formação na educação básica. Suas contribuições apresentam interpretações diferentes sobre a inclusão escolar de um aluno diagnosticado com deficiência intelectual.

5 De acordo com o diagnóstico apresentado na escola, o aluno Jonas possui "histórico de parto gemelar que evoluiu com déficit cognitivo moderado e retardo em aprendizagem. Conseguir ler e escrever com fluência, não demonstra comportamento agressivo, necessita de acompanhamento pedagógico diferenciado para melhor resultado escolar".

Para o desenvolvimento da pesquisa empírica foi utilizada a Epistemologia Qualitativa de González Rey (2002, 2005) como possibilidade metodológica no campo da inclusão escolar a partir do olhar da Teoria da Subjetividade (2003, 2017), o que em nossa visão contribui para a compreensão e intervenção de situações como as vivenciadas no campo de pesquisa sobre inclusão escolar. Segundo o autor,

Baseada nos princípios de produção do conhecimento como um processo construtivo interpretativo, o singular como instância legítima do conhecimento e a produção científica como espaço de diálogo exigem uma postura diferenciada para além da instrumentalidade muitas vezes exacerbada nas pesquisas educacionais. Este ponto de vista sugere que o pesquisador atue de forma crítica diante das informações obtidas no campo, mas principalmente recorra à diversidade de momentos de conversação para alcance dos objetivos propostos na pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2002).

Coadunamos com o autor no que se refere à instrumentalização da prática de pesquisa científica em educação como condição de fidedignidade acadêmica *per se*, pois, a complexidade da realidade escolar ultrapassa os limites impostos pelos instrumentos de pesquisa como dados e questionários. Dessa forma, fizemos uso de inúmeras situações conversacionais (GONZÁLEZ REY, 2012) com os colaboradores para a produção teórica que se segue. Além dessa estratégia, utilizamos outras que subsidiaram nossa produção conforme consta no quadro⁶ abaixo:

INSTRUMENTO/ ESTRATÉGIAS	OBJETIVOS	SUJEITOS
Observação do campo escolar, corpo docente e alunos.	Compreender o cenário em que o colaborador principal está imerso.	Corpo docente, alunos, Jonas ⁷ , Professora Priscila e Professora Luiza em formação inicial.
Situações conversacionais.	Identificar possíveis conversas que podem ser analisadas em conjunto ao embasamento teórico.	Jonas, Professora Priscila e a Professora Luiza em formação inicial.
Complemento de frases	Colher as impressões subjetivas de cada colaborador.	Professoras Priscila, Luiza e o estudante Jonas

6 O quadro é meramente para fins didáticos e para facilitar a compreensão do leitor sobre o processo de investigação.

7 Usaremos nomes fictícios para identificar os sujeitos que colaboraram para a construção deste artigo.

Jonas, o principal colaborador, proporcionou momentos de muita reflexão a respeito do desenvolvimento humano. Revelou-se um jovem interessado e comprometido com a escola, os colegas e os professores. Apesar de seu laudo médico comprovar que possui deficiência intelectual, o que se percebeu foi que sua capacidade intelectual tem sido desvalorizada no campo educacional. O que consequentemente, segundo Mitjans Martínez e González Rey (2012), o separa entre emoções e operações intelectuais, uma dicotomia que o categoriza como um ser humano com o comportamento anormal. Dessa maneira, sabe-se que existem casos de alunos diagnosticados com problemas biológicos, o que consequentemente aumenta as percepções de médicos e professores de que esse aluno não terá um desenvolvimento intelectual superior ou igual em relação aos demais considerados normais. Sendo assim, a saúde, segundo os autores será um empecilho para que a aprendizagem seja eficaz haja vista que, as crianças reprovadas então, são de fato consideradas pela sociedade como doentes, e que por este motivo a criança não obtém êxito como os demais que são considerados normais.

Em virtude do que foi exposto, é importante considerar a dimensão do processo de aprendizagem que um estudante de língua inglesa diagnosticado com deficiência intelectual, pode alcançar ao longo de sua trajetória. Tendo em vista que, independentemente de seu laudo específico, não há como confirmar que esse o prejudique ou o rotule como sendo incapaz de estar em uma escola regular.

Jonas tem 15 anos de idade, é um estudante dedicado e sempre está buscando se inteirar com seus colegas e professores a respeito dos seus deveres e afazeres. Ele está atualmente matriculado em uma escola regular de ensino médio integrado e antes estava em uma escola especial para alunos diagnosticados com alguma deficiência. Desde o primeiro contato com Jonas, foi possível observar o quanto sua dedicação nos estudos chama atenção, o que contribuiu para uma análise acerca de sua capacidade, que consequentemente por ter um laudo específico o restringe de algumas oportunidades no âmbito da aprendizagem.

Mesmo admitindo o substrato biológico das funções intelectuais, não se pode ignorar que tudo a que temos acesso também no campo da inteligência, de cognição, de aprendizagem, resume-se a expressões. "Expressões que trazem em si, indelévels, as marcas da história de vida da pessoa e sua inserção social" (MOYSÉS & COLLARES, 1997).

Sabe-se que o ser humano constrói por meio de suas histórias e crenças, costumes e diferentes experiências, por isso quando se fala em inteligência, cada ser terá um modo de defini-la. Com Jonas não foi diferente, pois foi possível identificar em uma de nossas conversas informais, distantes dos olhares de seus colegas de sala e de seus professores, que ele tem conhecimento do que quer, de seus propósitos e de como deve fazer para alcançá-los. Com efeito ao que foi mencionado em relação às conversas informais, Jonas disse: "[...] eu sei que quero me formar em direito e ser um bom advogado, caso isso não aconteça tenho vontade também de ser político, porque tenho um tio que é deputado... e sabe como é... acho que entendo um pouco disso".

Cada criança e adolescente têm sua singularidade que será construída à medida que há uma interação em seu meio social. Uma vez que, terão conceitos que eles poderão se agarrar ao se conectarem com o mundo de seus pais, parentes, amigos, professores. As pessoas que fazem parte da realidade deles trarão significados e experiências que os farão com que criem sua própria subjetividade. Quando Mitjans Martínez e González Rey (2018) consideram que "as crianças consideradas deficientes não se diferenciam daquelas tidas como normais", estão afirmando que o processo de cada um é singular e não há como colocá-lo em um único modo de processo cognitivo, já que o processo subjetivo contribui para gerar algum resultado dentro da perspectiva do ensino.

ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

À medida que a pesquisadora e Jonas iam se encontrando, era possível encontrar características dos principais meios sociais em que Jonas convive, ao se expressar e externar sua forte crença sobre um futuro desejado traduz-se um menino especial, mas não por ser diagnosticado com deficiência intelectual e sim por tencionar suas necessidades e sua emergência de ser ouvido e percebido como um jovem "normal".

O processo de investigação das necessidades de aprendizagem de jovens com diagnóstico deve iniciar com a busca pela compreensão dos espaços sociais em que esse jovem convive, suas experiências, gostos e perspectivas, pois se trata de processo pedagógico e não clínico. Dessa forma, as características do estudante que são apresentadas com diagnóstico médico devem ser de apoio médico e não docente. Diante disso, utilizamos o instrumento de completar frases, com as professoras Priscila e Luiza, propiciando uma colaboração acerca da capacidade que um aluno com deficiência possa desenvolver de acordo com suas percepções. Destacamos duas frases do instrumento para elucidar o aspecto em torno das concepções das colaboradoras conforme quadro abaixo:

Professora Priscila

Acredito que o Jonas é capaz, mas é necessária uma abordagem mais eficaz e eficiente.

É importante que o professor e o aluno perseverem neste desafio.

Professora Luiza

Acredito que o Jonas é capaz de ser e fazer tudo o que ele quiser. Com o interesse e dedicação que o mesmo tem ele irá longe.

É importante as pessoas acreditem no potencial do Jonas, acreditem que ele é capaz de fazer tudo o que ele quiser.

Ambas professoras afirmam que Jonas é capaz, todavia a Professora Priscila acredita que o processo de aprendizagem de Jonas precisa ser mais eficiente. Logo, há implicitamente uma incerteza em relação a qual seria esse meio "eficaz e eficiente". De acordo com Orrú (2017), "o processo de aprendizagem demanda a mistura e a reinvenção de metodologias, pois pressupõe que ninguém aprende da mesma maneira e pelos mesmos caminhos." Portanto, esse modo eficaz ao qual a Professora Priscila se refere é amplo e precisa ser reinventado, reconstruído a todo momento, de modo que atenda a todos os aprendizes de maneira eficiente, não somente quem possui alguma deficiência. E uma dessas metodologias eficazes podem ser alcançadas no momento em que "A inclusão traz para os espaços de aprendizagem as tecnologias assistivas que também tem caráter híbrido, servem para promover a aprendizagem da turma toda e também para que todos usufruam de seus recursos tecnológicos, das ferramentas mais simples até os softwares mais complexos" (Orrú, 2017, p. 1144).

Afinal os estudantes podem trazer uma bagagem de experiências para seus professores, familiares e amigos, e ao explorar essas experiências, os permitem que se sintam à vontade para ampliar sua visão de mundo.

Para Lima (2017), o diagnóstico de deficiência intelectual como o de Jonas, geralmente, é definido ainda na infância quando alguns aspectos de socialização e capacidade cognitiva são observados. Geralmente observa-se o desenvolvimento da criança de forma particular, procurando perceber se a criança está atenta a aprendizagem e autogestão em situações da vida, como cuidados pessoais, responsabilidades profissionais, controle do dinheiro, recreação, controle do próprio comportamento e organização em tarefas escolares e profissionais. Comunicação e habilidades ligadas à linguagem, leitura, escrita, matemática, raciocínio, conhecimento, memória. Habilidades sociais/interpessoais habilidades ligadas à consciência das experiências alheias, empatia, habilidades com amizades, julgamento social e autorregulação. Nosso intuito, assim como acreditamos que deve ser o intuito da escola, foi conhecer Jonas de forma singular a partir das suas necessidades de aprendizagem na escola. Neste trabalho, destacamos algumas frases do complemento utilizado para esse objetivo:

Frase 3. **Aprendo melhor quando** tenho um acompanhamento diferenciado só com os professores.

Frase 4. **Tenho dificuldade** nas matérias em geral.

Frase 5. **Sinto-me bem quando** estou entendendo e fluindo.

Fica evidente o interesse de Jonas pela aprendizagem, e como ele identifica suas dificuldades ou ainda como se sente quando aprende algo. No entanto, o que as clínicas trazem como um dos sintomas da deficiência intelectual é a falta de interesse pelas atividades dadas em sala de aula. Diante disso, Jonas possui um posicionamento no que se refere a sua forma particular e subjetiva de aprender uma disciplina. Deixando um possível desencontro com um dos sintomas de uma pessoa que possui deficiência intelectual. Assim como afirmam Moysés e Collares (1997), "a intervenção do médico, se oportuna, precoce, pode contradizer e confundir a essência da doença, tornando-a irregular e, portanto, intratável".

O CONTEXTO INCLUSIVO DA SALA DE AULA DE INGLÊS

A Educação Inclusiva tem como objetivo a inserção do aluno diagnosticado com alguma deficiência, em escolas regulares ou ainda em escolas

inclusas. Ademais, a inclusão ao mesmo tempo, pode ser uma forma de excluir esse aluno, pois ele estando em uma escola regular junto com os alunos sem diagnósticos, pode ser rotulado pelos colegas e professores. Do mesmo modo que, se esse aluno for deslocado para uma escola que todos têm um laudo médico, seria essa escola um ambiente a margem e que não daria oportunidade ao aluno de se desenvolver com as outras crianças consideradas "normais" (BEZERRA, 2017b).

Em consequência desses apontamentos, os alunos com deficiência em sua maioria, podem ser tratados de maneira desigual por não serem iguais aos "normais". Para Mitjans Martínez e González Rey (2018), a educação inclusiva deve propiciar oportunidade de desenvolvimento para todos os alunos, sem distinções. Os autores afirmam ainda que são inúmeras as barreiras que se instalam no processo de inclusão como, por exemplo, as crenças dos professores sobre a impossibilidade de o aluno com diagnóstico aprender.

Tendo em vista esses apontamentos acerca das barreiras que geram a exclusão ao invés da inclusão, é relevante destacar um episódio que ocorreu na sala de Jonas em uma das aulas com a professora Priscila(P)¹⁰, que enfatizou:

"P: Bom, todos vocês terão um teste oral agora, então fechem seus livros e se organizem para começarmos. Ahh! Gostaria de lembrá-los que apenas o Jonas poderá utilizar o livro para o teste."

Diante da afirmação da professora é possível identificar uma possível exclusão em sua fala, talvez não porque ela queira de fato excluir Jonas, mas decerto que em decorrência da falta de aproximação com Jonas e por não ter uma formação voltada para inclusão, ela acredite que o melhor modo de auxiliar Jonas seja oferecendo-lhe meios mais "fáceis" para a realização de suas tarefas.

Algo semelhante foi encontrado nas pesquisas realizadas por Sá e Bezerra que revelaram o assujeitamento de estudantes com dificuldades de aprendizagem e as intervenções realizadas por professores "[...]possível interpretar que as concepções que perpassam as práticas pedagógicas entre alunos e professores levavam em consideração o caráter biologizante da aprendizagem e a desconsideração da criança como sujeito singular que produz sentidos subjetivos sobre o ato de aprender" (SÁ & BEZERRA, 2017, p.8).

É enriquecedor para o processo de ensino aprendizagem de uma criança com deficiência conhecê-la intensamente perguntando e analisando suas impressões, seus gostos e preferências, para utilizar em favor de seu desenvolvimento e fazer com que ela se sinta autoconfiante.

Em conformidade ao que foi exposto, o processo de inclusão é um desafio, porque envolve questões sociais de igualdade. O modo como as escolas e professores lidam com esse processo de aceitação é o que trará resultados benéficos ou não para os alunos com deficiência. Além disso, para que os professores não enxerguem o aluno com deficiência como um ser incapaz, é necessário que antes haja uma desconstrução de crenças por parte dos docentes. Assim, quando os professores se deparam com algo diverso de sua realidade ou que esteja fora do padrão, eles tendem encarar aquela situação como um problema e não como uma oportunidade. Muitos não conseguem agarrar o que é "diferente" para si e moldar conforme julgar necessário. Lapidar algo diferente de uma forma despadronizada pode ser inédito, e talvez simultaneamente um sucesso total porque ninguém pensou ainda, ou seja, ser diferente muitas vezes pode ser vantajoso, em um bom sentido, para a aprendizagem de um aluno.

10. Nome fictício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é resultado de trabalho de campo realizado em uma escola de ensino médio que teve como objetivo compreender o processo de inclusão escolar de um aluno diagnosticado com deficiência intelectual no contexto da sala de aula de inglês. Para tanto, contamos com a participação de três colaboradores (Jonas, Priscila e Luiza) que contribuíram para a construção das informações que se seguiram.

Desconstruir ideias equivocadas sobre a inclusão de pessoas com deficiência como, por exemplo, de que o aluno terá uma prova separada da turma, ou de que esse aluno já está aprovado no final do ano pelo simples fato de possuir um laudo médico, e ainda desmistificar a percepção de que tudo o que será feito para o aluno deverá ser mais fácil, são aspectos que precisam ser trabalhados na formação inicial de professores e ao longo da prática docente. Compreender que as pessoas com deficiência não precisam de proteção o tempo todo, mas sim precisam de alguém que os incentivem e que os mostrem apenas o caminho a ser percorrido para que eles tornem-se autônomos em seu processo de ensino aprendizagem.

Consideramos que o processo de inclusão escolar de pessoas com deficiência caracteriza-se essencialmente como pedagógico e não clínico. Isso significa que a investigação a ser realizada pelo professor deve levar em consideração os objetivos de ensino, as potencialidades dos alunos e as condições concretas que a instituição escolar possui para a integração e consequente inclusão do aluno na escola. Além disso, o processo de inclusão precisa favorecer a garantia do direito ao acesso e sucesso escolar, de modo que a escola se torne um espaço democrático que contribua para o exercício da cidadania de todos, sem distinção.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marília dos Santos. Dificuldade de aprendizagem e Subjetividade: para além das representações hegemônicas do aprender. Dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Brasília, 2014.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. P. 149

EWALD; MANCENO; UZIEL; PRESTRELO. **A questão da cientificidade: novos paradigmas**. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004

FERNANDES, Luiza Mara. Estratégias Pedagógicas de Ensino e Aprendizagem para o Trabalho com Alunos Diagnosticados com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. Paraná: 2013.

FOUCAULT, M. **Historia de la medicalización. Educación médica y salud**, v.11, n.1,1977.

FRANÇA SÁ, SANTOS BEZERRA. **Os desafios da metodologia qualitativa nas pesquisas em psicologia e educação** Brasília: Revista eixo, v. 6, n. 2, 2017.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KATZ & KAHN. **Psicologia social das organizações**. São Paulo, Atlas, 1970. KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LIMA, FELIPE. **Deficiência Intelectual: principais características, sintomas e tratamento**. Vittude, 2017. Disponível em: <<https://www.vittude.com/blog/deficiencia-intelectual-caracteristicas-sintomas/>>. Acesso em: de maio 2017.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São paulo: Moderna, 2003.

MITJANS MARTÍNEZ, A. **A teoria da Subjetividade de González Rey: Uma expressão do paradigma da complexidade na Psicologia**. In

GONZÁLEZ REY, F. L. (org) *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2005.

MOYSÉS, M.A.A; COLLARES, C.A.L. **Abstracted Intelligence, Silenced Children: The Evaluations of Intelligence.***Psicologia USP*, São Paulo, v.8, n.1, p.63-89, 1997.

PAULA, A. P.; PALASSI, M. P. **Subjetividade e Simbolismo nos Estudos Organizacionais: Um Enfoque Histórico-Cultural.** In CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. (Org). *Simbolismo Organizacional no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2007.